

Dólar cede e fica abaixo de R\$ 2

■ Moeda americana despenca 5,1% e fecha com taxa média de R\$ 1,99, em dia calmo. Houve queda também nos mercados futuros

CRISTINA BORGES

O mercado financeiro e o novo presidente do Banco Central, Armínio Fraga, estão em plena lua-de-mel. O dólar comercial já abriu em queda, cotado a R\$ 2,04 para venda. Ao longo do dia, a moeda americana foi cedendo até fechar a R\$ 1,98. A taxa média do BC ficou em R\$ 1,99, 5,17% abaixo da anterior. Os mercados futuros de dólar e juros também caíram. As bolsas de valores operaram em alta, acompanhando o ritmo internacional, mas perderam o fôlego no fechamento, frustradas com o atraso no anúncio do acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que só saiu à noite.

Tudo indica que o exercício do poder da autoridade monetária está agradando o mercado, que operou tranquilo no primeiro dia de juros capitulados a 45% ao ano, nova taxa diária das operações entre os bancos (Selic). Na abertura do mercado de juros, o BC acionou definitivamente o novo patamar da Selic, por um prazo de validade de seis dias. Os bancos que tomaram posições com a taxa anterior de 39%, válida até o próximo dia 11, reconhecem que terão perda de rentabilidade, mas nem por isso criticam a decisão do BC.

Leilão fracassa – No leilão de Notas do Tesouro Nacional, série S, com rentabilidade prefixada nos primeiros cinco dias úteis e pós-fixadas até o vencimento, no dia 17 de maio de 2000, foram vendidos apenas R\$ 3,992 bilhões de um lote de R\$ 5 bilhões. O leilão, adiado de quinta-feira para ontem, por causa da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), teve taxa máxima aceita pelo BC de 45%, ficando a média em 44,55%. Até a sobra do leilão de títulos públicos foi interpretada como pulso firme do BC.

“O BC tem que comprar tempo e gastar o mínimo possível das reservas internacionais até o próximo mês, quando as expectativas são de finalização do acordo e consequente liberação da nova parcela de US\$ 9 bilhões do FMI, bons resultados da balança comercial, aprovação da CPMF e recuperação das linhas de financiamento ao comércio exterior”, disse Roberto Campos Neto, do Banco Bozano, Simonsen. Ele calcula que, passado o mês de março, quando os vencimentos de títulos emitidos no exterior e empréstimos bancários somarão US\$ 1,995 bilhão, a cotação do dólar poderá cair a R\$ 1,80, tão rápido quanto subiu a R\$ 2,20.

Futuros – Na Bolsa de Mercadorias & Futuros, os contratos de dólar para abril caíram 3,77%, cotados a R\$ 1,98. Para maio e junho, as cotações foram de R\$ 1,99 e R\$ 2,02, respectivamente, com quedas de 3,6% e de 3,8%.

Do montante de compromissos a serem pagos no mercado internacional até o início de abril, US\$ 875 milhões dizem respeito à Light, que já teria garantido a *rolagem*. No primeiro dia de abril, também vencem outros US\$ 260 milhões da Petrobras, referentes a financiamentos a importações de petróleo que, a exemplo de empréstimos anteriores, devem conseguir refinanciamento. Confirmadas essas expectativas, a pressão de compra de dólares deve se atenuar.

As bolsas de valores começam a identificar um retorno, ainda tímido, de investidores externos que estariam contribuindo para aumentar os negócios. A Bolsa de Valores de São Paulo, embalada pelo otimismo, registrou valorização de até 2,19%, mas recuou até uma perda de 0,45%. O volume financeiro foi de R\$ 555,8 milhões. A Bolsa do Rio fechou em alta de 1,3%.